



Eco-Pedagogia como proposta transdisciplinar para a liberdade e a autonomia.

Ernesto Jacob Keim

OBJETIVOS CIENTÍFICOS DESTE PAINEL

As questões ambientais e pedagógicas abordadas na perspectiva da eco-pedagogia, são trazidas para este evento com a intenção de viabilizar discussão referente à perspectiva disciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar que perpassa esta temática. Pretende-se debater a perspectiva biológica, psicológica, social, transcendente e unicitária que caracteriza a natureza complexa de cada humano, que para manter-se vivo, depende de princípios classificados como Eco-Vitais que se caracterizam por alimento, abrigo, ocupação, afeto e partilha de bens com dignidade. Esta perspectiva depende da consciência, da discussão e dos compromissos que os humanos estabelecem ao interagirem com a dinâmica organizativa dos ambientes e ao se relacionarem com seus próximos e com os demais componentes ambientais. A educação enquanto ação política que contempla a vida como bem maior, pode ser uma alternativa para a redução da miséria e das exclusões que perpassam as formas como são geridas as relações de poder, que colocam a ética em plano secundário, elegendo o imediatismo e as vantagens individuais, como o bem maior a ser alcançado pela ação humana. A Eco-pedagogia, é portanto uma ação que transcende a disciplinaridade, devendo por isso ser discutida e organizada na perspectiva interdisciplinar que se apóia em referenciais cognitivos e em princípios essenciais e eco-vitais, norteadores da perspectiva transdisciplinar que pretendemos discutir neste evento, para envolver neste debate pesquisadores de outros grupos de pesquisa e instituições de ensino superior.

Organizador do Painel,:

Prof. Dr. Ernesto Jacob Keim - Brasil –

- Filiação Institucional - Universidade Regional de Blumenau – (FURB), Sociedade de Ensino Superior de Santa Catarina (SOCIESC) – Joinville, Santa Catarina e Instituto Paulo Freire (IPF).
- Pesquisador e Professor no Programa de Mestrado em Educação da FURB, na SOCIESC e pesquisador no IPF.
- Morada: Rua Lazio 15 ap. 53, Bairro Vila Nova, Blumenau, Santa Catarina, Brasil.

- Telefone: 055-21-47-3402633
- E mail ernestojacob@gmx.net

Moderador e relator

Prof. Dr. José Luis de Almeida - Brasil –

- Filiação Institucional - Centro Universitário Nove de Julho (UNINOVE) – São Paulo, Universidade do Estado de São Paulo (UNESP) e Instituto Paulo Freire (IPF).
- Pesquisador e professor do programa de mestrado da UNINOVE e da UNESP e pesquisador no IPF
- Morada: Rua Antonio Castelar de Francesche 3471 – 13631-335
- Telefone: 055-21-19-3561-6386
- E mail: joseluiz@terra.com.br

Comunicações integrantes deste painel:

- Prof. Dr. Ernesto Jacob Keim - Brasil – (Organizador)

- Tema: Eco-Pedagogia como proposta transdisciplinar para a liberdade e a autonomia.
- Resumo:

Esta apresentação se refere aos estudos realizados junto ao Grupo de Pesquisa “EDUCOGITANS” vinculado ao Mestrado em Educação da Universidade Regional de Blumenau (FURB) SC, Brasil. Ela trata da Eco-Pedagogia como proposta educacional de natureza transdisciplinar apoiada em Princípios Essenciais, em Referenciais Cognitivos e em Temas Relevantes que se caracterizam como pilares de uma educação que viabiliza libertação e organização de autonomia intelectual, social e pessoal. Esta proposta de pesquisa e discussão considera a vida como referencial maior a ser desenvolvido em todos os níveis de escolarização e de comunicação de massa. Ela se integra aos estudos de Educação Ambiental na perspectiva da Planetaridade entendida como a necessidade de serem garantidos aos humanos, dignidade no alimento, abrigo, ocupação, afeto e partilha dos bens e aos demais viventes condições dignas de vida, que respeita e valoriza as necessidades e características auto-eco-organizativas da biosfera. Na perspectiva da educação como agente de liberdade e de autonomia, este estudo se concentra na necessidade de desenvolver novas formas de ocupação para os humanos, que ficam à margem dos meios de produção, mais automatizados e robotizados. Estas pessoas, através da educação, devem ampliar sua capacidade dialógica para organizar fazeres que os potencializa para uma melhor inserção social e ocupacional. A Eco-Pedagogia é assim uma proposta que se dirige à inserção do humano no contexto de toda a vida planetária e toda a dinâmica cósmica, estabelecendo consciência engajada em compromissos com a eliminação da tirania e redução da miséria e das exclusões

- Prof. Dr. José Luis de Almeida – Brasil – (Moderador e relator)

- Tema: Interdisciplinaridade: Uma abordagem histórica com ênfase no ensino.

Resumo

Na discussão acerca da interdisciplinaridade, que se desenvolve no Brasil, predomina a idéia de que ela é um processo de integração entre disciplinas. Essa integração deve ser progressiva e, por isso, pode, inclusive, propiciar a fusão das disciplinas envolvidas. Nessa perspectiva, as relações interdisciplinares dependem, fundamentalmente, de procedimentos metodológicos que se viabilizam por meio do esforço dos professores e pesquisadores imbuídos da postura interdisciplinar.

Este trabalho mostra que a conduta interdisciplinar não depende de procedimentos metodológicos, nem tampouco do esforço dos professores e pesquisadores, pois ela decorre de questões de natureza histórica e filosófica. E, portanto, é dessa premissa que se deve partir para alcançar uma compreensão da interdisciplinaridade que permita superar a fragmentação do conhecimento.

A fragmentação do conhecimento decorre da fragmentação do trabalho imposta pelo modo de produção capitalista. Por isso ela é histórica e, portanto, a análise das relações interdisciplinares não pode prescindir do exame da divisão social do trabalho.

- Profa. Dra. Cleide Rita Silvério de Almeida- Brasil -
 - Tema: Eco-pedagogia: Uma questão complexa.
 - Filiação Institucional: Docente e pesquisadora: Centro Universitário Nove de Julho (UNINOVE) São Paulo e Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) São Paulo, SP.
 - Morada: Rua Itapicuru, 881 – Apto 11 – Perdizes, São Paulo – Brasil – CEP: 05006-000
 - Telefone: 55 11 3872.9026
 - 55 11 9975.4780
 - E mail: calmeida@uninove.br / cleidea@uol.com.br
 - Resumo:

- Prof. Dr. José Eustáquio Romão - Brasil -
 - Tema: Transdisciplinaridade numa Perspectiva Freiriana
 - Filiação Institucional: Docente e pesquisador: Centro Universitário Nove de Julho (UNINOVE) – São Paulo, Centro de Estudos Superiores de Juiz de Fora – Minas Gerais e Instituto Paulo Freire.
 - Morada: R. Osvaldo Aranha, 314/505 - B. São Mateus - CEP 36016-340 - Juiz de Fora (MG) Brasil - tel/fax (32) 3216.9787
 - E mail: jer@terra.com.br e jer@powerline.com.br
 - Resumo:

A apresentação proporá o que poderia ser um dos substratos teóricos do painel, discutindo os conceitos de “pluri”, “multi”, “inter” e “transdisciplinaridade”, numa perspectiva que tem como referencial a racionalidade dialético-dialógica desenvolvida pelo educador brasileiro Paulo Freire. Neste sentido, demonstrará a luta dos pensadores contra a crise do “privilégio epistemológico” da ciência moderna, tanto no sentido da superação da segmentação gnosiológica, quanto no da consagração de um certo tipo de conhecimento, evidentemente adstrito a determinado segmento social.

Tema:

- Prof. Dr. Alberto Albuquerque Gomes - Brasil -
 - Tema: formação de professores e representações sociais
 - Filiação Institucional: Docente e pesquisador: Universidade Estadual Paulista (UNESP) Presidente Prudente, SP.
 - Morada: Rua Roberto Simonsen, 305
 - E mail: alberto@prudente.unesp.br
 - Resumo

Esta apresentação tem por objetivo desvelar algumas expectativas e representações identificadas a partir de investigação feita junto a alunos ingressantes do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista com relação à escolha do curso e perspectivas profissionais. Em busca dessas respostas, optamos por buscar apoio teórico na teoria das representações sociais e apoio empírico nas respostas apresentadas pelos alunos ingressantes do Curso de Pedagogia nos anos de 1998 a 2002.

Ao optarmos pela teoria das representações sociais, o fizemos a partir da noção desenvolvida por estudiosos como Moscovici e Goffman que nos permite a análise de alguns aspectos das representações construídas pelos alunos sobre o curso que escolheram. Dessa perspectiva, consideramos representações sociais como um dos elementos fundamentais das articulações sociais para a construção de identidades sociais. Ou seja, ao longo de sua vida, as pessoas, ao relacionarem-se umas com as outras, vão desenvolvendo sentimentos de pertencimento a determinados grupos sociais. Estes círculos identitários constituem-se portanto, a partir de um processo relacional e cultural resultante do relacionamento entre as pessoas.

As representações sociais têm por função, estabelecer convenções acerca dos objetos, pessoas e acontecimentos e inseri-las nos grupos sociais; são também prescritivas, pois se impõem sobre os indivíduos com uma força que combina convenções pré-existentes com as novas convenções, levando os indivíduos a internalizarem significados para poderem lidar com a tensão que se estabelece entre o individual e o coletivo na vida cotidiana.

A representação social resulta pois da atividade simbólica do indivíduo em seu ambiente contrastada e amalgamada com as representações pré-existentes e só pode ser compreendida se buscarmos a história individual relacionada à história do grupo ao qual pertence o indivíduo.

Diante do exposto, pretendemos demonstrar, a partir do perfil dos alunos ingressantes do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências e Tecnologia, considerando dados sobre sua origem geográfica, situação sócio-econômica, escolaridade dos pais, situação profissional e escolaridade anterior, as expectativas construídas sobre o curso que escolheram e sobre seu futuro profissional.

Destacamos a seguir as principais características dos alunos/alunas ingressantes:

- os alunos/alunas ingressantes encontram-se em sua maioria, na faixa etária entre 16 e 27 anos;
- o ingresso de mulheres no curso é predominante no período estudado (90%);
- a um número significativo de alunos/alunas trabalhadores;
- a maioria absoluta dos alunos/alunas ingressantes possui escolaridade melhor que a de seus pais;
- a busca por um curso de formação de professores deve-se ao interesse de aperfeiçoamento e habilitação na área educacional;
- apresentam avaliação positiva sobre o curso que freqüentam, apesar de estarem cursando a primeira série do curso;

demonstram a construção de uma representação positiva quando à boa qualidade do curso oferecido por uma universidade pública como razão para escolha que fizeram; a respeito das expectativas dos alunos após a conclusão do curso, em sua maioria, pretendem continuar na área da Educação, seja trabalhando ou aperfeiçoando-se através de Habilitações ou mesmo Mestrado na área desejada. Alguns pretendem fazer outro curso, inclusive de outra área, para não trabalhar na área educacional. Algumas respostas indicaram-nos a pretensão de abrir

escolas particulares. Estes não desejam atuar na rede pública, principal objeto de estudo dos cursos de formação de professores na Universidade pública.

- Profa. Cleide Martins Silva - Brasil –
 - Tema: Pedagogia do Encantamento.
 - Filiação Institucional: Secretaria de Educação do Distrito Federal e Banco Central, Brasília.
 - E mail:

- Profa. Elisabeth Maria Pereira Freixo. - Portugal -
 - Tema:
 - Filiação Institucional: Mestranda na Universidade Lusófona – Lisboa.
 - Morada:
 - E mail: elisabete.freixo@clix.pt

**VIII CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS
SOCIAIS
A QUESTÃO SOCIAL DO NOVO MILÊNIO**

Painel 22

**ECOPEDAGOGIA COMO PROPOSTA TRANSDISCIPLINAR PARA A
LIBERDADE E A AUTONOMIA¹**

Prof. Dr. Ernesto Jacob Keim

Apesar de todos os progressos tecnológicos, a disponibilidade de alimento, abrigo, ocupação, afeto e bens produzidos nos parques industriais e desenvolvidos nos centros de pesquisa e científicos não está disponível a todos os humanos. Esta posição representada pela opulência e pela pobreza a que estão subordinados diferentes grupos de humanos, faz com que os estudos referentes à vida humana em nosso planeta sejam articulados numa perspectiva de mudança de referenciais, de tal forma que a partilha dos bens, recursos e possibilidades sejam determinados pela dignidade à vida e não aos padrões estabelecidos pelo merecimento e disponibilidade que o mercado estabelece e impõe.

A miséria e a exclusão são produzidas e alimentadas por interesses que devem ser enfrentados e combatidos sob pena da aventura da existência humana neste planeta se transformar em mais um capítulo encerrado na história de nossa galáxia. Apoio estas observações nas seguintes informações divulgadas na reunião da cúpula financeira mundial realizada em 2002 na Cida de Monterrey no México:

- População mundial no ano de 1900 era 1 bilhão e quinhentos milhões de habitantes, em 1950 era estimada em 3 bilhões de habitantes e no ano 2000 era de 6 bilhões de habitantes.
- O mundo pode produzir alimentos para 12 bilhões de pessoas e 826 milhões não têm alimentação adequada;
- Mais de 850 milhões de pessoas são analfabetas e estão portanto colocadas à margem dos privilégios e condições favoráveis oferecidas aos que dominam o código das letras e números.
- Milhões dos alfabetizados não conseguem usufruir destes benefícios, por serem pobres e marginalizados, tendo sido enganados pelo discurso de que deveriam estudar para serem alguém na vida, apesar da escola não lhes ter dito que eles são alguém desde que nasceram;
- 2 bilhões e 400 milhões dos seis bilhões de habitantes do planeta não são atendidos por saneamento básico, o que seria o mínimo a se esperar de um mundo civilizado, devendo-se considerar que a falta de saneamento compromete a vida do planeta de formas irreversível pelo fato dos despejos industriais e dos dejetos humanos carregados de substâncias não degradáveis mas solúveis em água, migram para os depósitos freáticos contaminando o montante de água potável do planeta.
- cerca de 325 milhões de crianças em idade escolar da população estimada de um bilhão e quinhentos mil indivíduos estarem fora das escolas, deixando de atender um requisito mínimo de inclusão social e planetária;
- 11 milhões de crianças menores de 5 anos morrem por ano em função de causas que poderiam ter sido evitadas;

¹ Este texto foi debatido e discutido com os integrantes dos grupos de estudo e pesquisa EDUCOGITANS do programa de Mestrado em Educação da Universidade Regional de Blumenau (FURB), Blumenau SC, e do grupo de pesquisa do Instituto Superior Tupy (IST/SOCIESC), Joinville SC, Brasil.

O perfil de mundo apresentado acima nos leva a formular algumas questões que certamente permearão este texto mas que também certamente não serão respondidas pois dependem de cada leitor e de seu grupo de estudo e pesquisa para a construção da resposta que estiverem dispostos e engajados a produzir

1. Como a escola que conhecemos e na qual atuamos lida com este perfil de mundo?
2. Quantos de nossos ex-alunos fazem parte do grupo dos alfabetizados e escolarizados excluídos das benesses do mundo civilizado?
3. Quantos de nossos ex-alunos são marginais de nossa sociedade?
4. Quantos de nossos ex-alunos estão ocupando um espaço em algum presídio? Quantos de nossos ex-alunos se suicidaram por desgosto, desespero e desesperança?
5. Como a escola que conhecemos e na qual atuamos contribui para que este quadro se perpetue ou se altere?

A condição de humano poderia ser a exigência primeira e mais importante para determinar e disponibilizar todos os recursos necessários à vida digna e plena. Nesta perspectiva os humanos poderiam ser considerados como seres que possuem natureza: Biológica na medida em que são constituídos por células, tecidos, aparelhos, e sistemas; Psicológica pelo fato de possuírem pensamento estruturado e organizado, discernimento, inteligência, emotividade, sociabilidade, vontade e afetividade; Social por serem capazes de interações mediadas, que viabilizam família, sociedade, profissão, economia, política e religião; Transcendente ao apresentarem capacidade de organização que os faz assumir compromissos morais e éticos, ter capacidade de superar e se impor aos demais viventes e ter noção de tempo e espaço com os quais estabelece valores e faz julgamentos além de criar e criticar; e possuem natureza Unicitária pela capacidade e condição de serem únicos, imprescindíveis e insubstituíveis, podendo se apaixonar, rebelar, odiar, perdoar e amar.

O atendimento a estas premissas básicas de identidade dos humanos estabelece a nosso ver um protocolo mínimo de identidade e a desconsideração de alguns destes aspectos é a nosso ver, um processo de geração de miséria e exclusão. Miséria e exclusão que se caracteriza pela falta ou carência de respeito ao mínimo material e não material a que cada pessoa necessita para ter vida com dignidade. É importante destacar que consideramos que as dimensões biológicas, psicológicas, sociais, transcendentais e unicitárias que caracterizam todas as pessoas, povos e nações, são inacabadas, inconclusas e incompletas. Desta forma entendemos que a fome de nutrientes e de dignidade existe, mais por questões de partilha e de oportunização e menos pela capacidade humana de os produzir. A ignorância e a submissão ocorre como decorrência intencional no afã de alguns submeterem os demais, desencorajando-os e obrigando-os a condições de vida que os anula e os amedronta. Os espaços e os tempos, neste contexto de opressão, são organizados mais para atender aos anseios da dominação e não para atender às interações dos humanos na perspectiva

relacional e ambiental que promove o encontro e a construção fraterna. Os direitos humanos e as condições vitais na perspectiva da dominação são norteados para viabilizar a produção, desta forma, uma pessoa tem assistência de diferentes níveis, como previdenciária, médica, alimentar, etc., na medida em que estiver servindo a algum “senhor poderoso” que detenha o poder de oferecer estas condições, mas, a partir do dia em que for considerado desnecessário será dispensado e abandonado à própria sorte. Isto acontece com inúmeros humanos que perdem a capacidade de atuar produtivamente nas empresas produtivas por terem idade, força física ou intelectual e capacidade cognitiva considerada inadequada para atender às exigências das forças produtivas. Isto acontece objetivamente quando ocorrem demissões de trabalhadores das empresas e também quando pessoas são expulsas e banidas de suas terras e de sua pátria.

Estas condições que aviltam a condição humana de parte significativa da população humana, deve ser tema e foco a ser discutido e analisado na perspectiva de que todo ser humano tem direito alienável de receber: **Alimentos** que devem ser produzidos e distribuídos em função das exigências biológicas e de prazer de toda a população planetária e não em função dos interesses e conveniências estabelecidas pelo mercado. Os humanos devem receber também **Abrigos** na forma de moradias que priorizem o respeito às necessidades dos humanos de horizonte visual, sonoridade, luminosidade, temperatura, privacidade e arejamento; na forma de vestimentas que respeitem a história e as características regionais e climáticas e que o planeta seja encarado como o abrigo maior de todas as manifestações de vida, devendo por isso, haver respeito às condições de organização do planeta de tal forma a superar a desumana carência imposta por políticas de ocupação dos territórios e distribuição de espaços norteados por mérito econômico, além de eliminar as formas de transformação energética e material que esgotem recursos e poluam os ambientes planetários e cósmicos. A **Ocupação** dos humanos deve ser outro foco importante de atenção pelo fato das pessoas deverem ser ocupadas de tal forma, que seu fazer aproveite o potencial de criatividade e inteligência das pessoas, pois nem toda atividade ocupacional pode ser considerada digna de ser realizada por um ser humano, como por exemplo, o plantio de soja que se for realizado com a força braçal de centenas de humanos de sol a sol de enxada em punho ou com instrumentos manuais de semeadura, afofamento e capina terá determinada capacidade produtiva mas terá também alto grau de desgaste e sofrimento físico nos corpos sujeitos a esta ação, mas este desgaste físico é eliminado pelas máquinas automáticas que fazem todas estas tarefas com grande desenvoltura e bons resultados produtivos. Mas esta eficiência deixa um rastro de questões que nos levam a pensar no destino ocupacional das centenas de pessoas que se ocupavam com este fazer e que são abandonadas à própria sorte nas periferias das cidades. Assim, ao serem instaladas no campo ou nas fábricas, linhas de produção automatizadas, dever-se-ia também desenvolver

atividades que viabilizassem fazer digno da inteligência dos humanos preteridos, da mesma forma, que as conseqüências das aplicações químicas deveriam ser controladas na perspectiva de favorecer controle que garantisse qualidade de vida de forma prioritária à qualidade econômica da produção. O **Afeto** é outra condição inalienável à dignidade da vida humana devendo ser considerado como agente que amplia a auto-estima e a dignidade das relações, fortalecendo cada pessoa em sua individualidade e na sua capacidade de interagir e se relacionar favorecendo e motivando a criatividade e a ousadia corajosa para dar, cada vez mais oportunidade para a vida florescer, para a existência se caracterizar com sentido e significado para todos os humanos e para a vida planetária de tal forma que impere nas relações a fraternura conforme propõem Assmann no sentido de que a sociedade seja movida pela fraternidade e pela ternura e conforme propõe Freire de que as relações devam ser movidas com leveza, decência e boniteza. Ainda como condição vital considera-se o direito de todos **Usufruírem dos Bens** criados, gerados e produzidos pela capacidade humana de transformar materiais e idéias em melhores condições de vida e maior integração e interação com os ambientes do planeta, sendo que neste aspecto é importante que sejam alterados alguns focos de direcionamento, como por exemplo, o foco dirigido de forma solidária e fraterna para a cultura e as artes no lugar da competitividade e do mercado.

Neste texto apresentamos estes cinco aspectos como os cinco Princípios Eco Vitais, ou seja, alimento, abrigo, ocupação, afeto e desfrute dos bens produzidos pelos humanos como cinco referenciais fundamentais para se organizar uma dinâmica educativa capaz de iniciar movimetno que apresente algum desafio ao estatus de dominação que perpassa a sociedade planetária dominada e envolvida por uma névoa de individualismo, fome, exclusão, falta de sentido e acumulação individualista.

Esta situação de miséria e exclusão se apóia num discurso publicitário que elege slogans como se fossem verdades inquestionáveis e neste contexto apresento uma destas ilusões que se apresenta no discurso, como a forma mais democrática e abrangente de comunicação e de informação, mas a revista Internet Business em pesquisa promovida em 2001, diz que no Brasil, uma das nove maiores economias do mundo, existem cinco milhões de usuários da Internet o que corresponde a apenas 3% da população e que apenas 300 dos cinco mil municípios brasileiros (6%) possuem infra-estrutura mínima necessária para instalar servidores locais de acesso à Internet (AMADEU, 2000). Estes dados somados ao custo mensal decorrente de uma linha telefônica e de um equipamento atualizado que permita utilização ágil da Internet como um meio democrático e planetário de comunicação, transforma este recurso para uma minoria bem significativa da população brasileira que se apresenta como um verdadeiro "apartheid digital da informação" a que a grande maioria dos estudantes brasileiros está condenada.

Certamente esta situação não é um mal localizado apenas no Brasil, mas se estende como um vírus letal que baixa a auto-estima das populações emergentes e submissas favorecendo as dinâmicas de Neo-Colonização promovidas pelos detentores de capitais geradores de miséria e exclusão. A educação pode ser um recurso de reação e de resistência.

Esta sociedade, apesar de doente ainda tem na educação uma esperança e a incorpora como importante agente que pode contribuir para um retrocesso na gravidade da endemia que a atinge. Para isso ela deveria atingir outro foco da doença, da qual ela, a escola é importante propagador. Trata-se do hiperindividualismo, da hiperespecialização, da hipercompartimentação de todas as áreas, estimulada pela falta de percepção da dinâmica organizativa dos elementos em torno dos quais se constitui a vida como um todo complexo e dinâmico. Somado a estas mazelas a dinâmica escolar de natureza bancária (FREIRE, 1974) estimula o espírito de lucro e vantagem e a perda de solidariedade (MORIN, 2002), bem como a perda da capacidade de mobilização frente a catástrofes e de diminuição e até perda da capacidade de se indignar diante de fenômenos sociais e políticos, permitindo, por omissão e por ilusória e enganosa neutralidade que atrocidades sejam vistas como aspectos irrelevantes e cotidianos (FREIRE, 1998) nos meio urbanos e rurais de nosso planeta.

Educação para a planetaridade e Ecopedagogia como propostas de mudança.

O perfil de relações, interações e mediações inserido na perspectiva dos Princípios Eco-Vitais pode ser considerado tanto como uma mera utopia com remotas possibilidades de virem a se caracterizar quanto como ações concretas a favor da vida. É intenção deste texto trazer para o debate uma proposta apoiada na inconformidade fatalista própria dos covardes e hipócritas que dizem nada ter e nada poder fazer para mudar. Como educador, entendo que a dinâmica educativa deva ser encarada como uma possibilidade de alterar esta via que tradicionalmente é apresentada como sendo de mão única, inevitável e imutável. Aceitar esta condição é estar macomunado com os tiranos que escravizam, exploram e matam semeando exclusão e miséria. O compromisso de humano como humano a favor da vida deve ser a meu ver selado em todas as categorias profissionais, mas na impossibilidade de atuação geral e irrestrita, tomo como foco de mudança a educação.

Nesta perspectiva a educação não pode ser encarada como foi denunciado por Freire, como um processo bancário, no qual tem quem deposita e tem quem recebe passivamente o capital depositado, ampliando-o para beneficiar o depositante. A educação que propomos deve ser uma dinâmica aberta e comprometida com a vida e tenha como destaque a consciência, a discussão e os compromissos década humano com a vida planetária. Nesta perspectiva deve ser considerada a condição dos humanos como seres que têm direito e responsabilidade com a vida.

Esta discussão, da educação com perspectiva inclusiva e planetária deve ser vista e considerada pela via de seus envolvimento cognitivos que devem ser de natureza interdisciplinar que considera a sociologia, a epistemologia, a ontologia, a psicologia e as diferentes ciências nomeadas como exatas e naturais, em todos os seguimentos educacionais seja escolar ou não.

Assim nossa proposta é a de que na educação devamos buscar o sentido da existência para que possamos discutir o sentido de nossas ações. Somos mais que conjunto de células, somos supercordas, que transitam entre as incontáveis estruturas cósmicas. Não temos sequer a posse definitiva de nossos corpos e não temos nenhuma certeza do que nos reserva o futuro, mas apesar destas limitações, talvez por necessidade de afirmação, nos colocamos como donos de partes dos ambientes e nos arvoramos a interferir de forma duvidosa na dinâmica organizativa do planeta.

A materialidade da posse de bens, a ação objetiva de poder sobre outros e o domínio subjetivo de saberes, podem ser agentes animadores deste quadro de relações diferentes que geram mais cisões do que aproximações. Somos parte do universo e nele atuamos numa perspectiva indefinida de tempo, assim não existe justificativa para as diferenças entre pessoas, estabelecidas pelas posses que cada um possui. Na perspectiva do potencial integrador e de aproximação das pessoas passa a ser inconcebível que exista um percentual significativo de humanos adultos que nunca em sua existência tiveram a oportunidade de discar um número no telefone e dizemos que a Internet é uma forma de democratização das comunicações por ser disponível a todas os humanos, mas de novo, os ricos impõem sua visão de mundo sobre todo o planeta sem considerar que sua ganância não permite que todos tenham igual acesso a todos os recursos.

A educação pode ser vista como alternativa concreta para promover discussão e organizar posturas que venham a enfrentar este ideal de mudança nas relações interpessoais, para uma organização planetária menos excludente e mais favorável à vida. Esta educação deve primar pela liberdade como conhecimento, consciência, discussão e compromissos selados com os limites e as responsabilidades de e em cada momento da vida. Cada pessoa descobre que é livre na medida em que descobre seus limites e decide atuar neste limiar e não apoiado nos limites dos outros. O professor deve deixar de ser aquele que “leva” seus estudantes para os “píncaros de seus saberes”, pois neste ato de “levar” os estudantes, os docentes podem “arrasta-los” e neste “arrastar” ocorrem tantos ferimentos que fazem com que eles cheguem mutilados ou até mesmo mortalmente feridos ao ponto elevado dos saberes esperados e considerados imprescindíveis e necessários para sua formação.

O professor na perspectiva da libertação deve ser um sujeito que tenha idéias, que tenha coragem, que se atualiza, que se sente incluído e engajado, que transcende a perspectiva da epistemologia como referencial de formação buscando também a perspectiva ontológica,

imprescindível para a formação de uma população planetária decidida a resgatar a qualidade de vida possível. O professor nesta perspectiva deve lutar para não permitir que se transforme em objeto submisso às regras infundadas e aos jogos de poder tirânico e contrário à integridade da vida.

A educação que se entenda libertadora e geradora de autonomia, é um movimento politizado e consciente das ideologias que a envolve, sabendo também que nunca ela é neutra ou desideologizada. A educação para a liberdade e a autonomia pode ser representada com as mudanças causadas na superfície da água de um lago, quando atiramos nele uma pedra. O movimento pode ser superficial e gerar ondas apenas na superfície ou pode atingir o fundo mexendo no que já estava pousado e acalmado, enturvando as águas límpidas, mas mostrando que existem muitos depósitos no fundo que devem ser considerados relevantes.

Esta educação para a liberdade e a autonomia na medida em que é dimensionada na perspectiva das inúmeras e incontáveis relações que se auto-eco-desorganizam ininterruptamente ganha uma dimensão planetária, sendo por isso a base, a nosso ver, de uma educação para a planetaridade e um suporte para a ecopedagogia.

Educação para a planetaridade e a ecopedagogia devem ser encaradas na perspectiva Utópica (referente ao espaço que falta) e na perspectiva Ucrônica (referente ao tempo que falta para alcançar a meta desejada). Utopia e Ucronia não significam impossibilidade, mas desafio consciente para fundamentar a organização de um vir a ser. Estas duas palavras trazem a necessidade de sempre se pensar tempo e espaço como sendo um dependente do outro. Utopia sem Ucronia pode dar a sensação de impossibilidade, por isso insistimos que as utopias devem ser encaradas numa relação ucrônica, para consolidar um vir a ser gerador de mudanças, com liberdade e autonomia para a vida, com menos miséria e menor exclusão.

Educação para a liberdade pode significar a ruptura com a condição de sujeito obediente e escravo, ruptura com a condição de subserviente e iludido com promessas e sonhos e ruptura da condição de ser dependente e objeto que pode ser descartado quando deixar de servir, da mesma forma deve estar atento para reagir à ilusão de liberdade causada pelo isolamento e pela solidão que não desafia nem questiona, deve estar atento para não atuar de forma ingênua ou fanática que caracteriza aqueles que estão submetidos a algum desejo que embora seja coletivo pode estar sendo dirigido por alguma ideologia ou poder não muito visível e deve estar atento para o desenvolvimento cada vez mais crítico de ações nas quais se envolva, considerando a condição da coletividade na perspectiva da historicidade e da materialidade.

Trans, inter e disciplinaridade, como agentes da Ecopedagogia.

A educação para a planetaridade e a ecopedagogia pode estar sintetizada nos versos do poema abaixo que pretende anunciar a escola como canteiro de conhecimentos, ações e posturas transformadoras e não como celeiro que esteriliza e acumula e estoca conhecimentos que se mantêm inertes.

“Escola não pode ser sinônimo de aula,
aula, não pode ser sinônimo de conteúdo,
conteúdo não pode ser o fim da educação e
educação não pode ser sinônimo de obediência.
A educação e a autonomia que quero na escola que eu sonho,
deve ser canteiro de memória, liberdade e compromisso”
e não deve ser celeiro que acumula estoca e esteriliza.

Ernesto Jacob Keim

Ser canteiro implica em ter sempre a expectativa com o inesperado e com a permanente renovação que exige esforço, determinação e empenho. Já o celeiro cheio, pode significar estabilidade inerte que estimula estagnação, especulação e vantagens sobre os que não têm.

O movimento de revolver o “lodo do fundo do lago” e a dinâmica de preparar a terra, semear, esperar o crescimento, regar, cuidar, podar, desfrutar a beleza das flores e se fartar com os frutos e as sementes, sabendo que depois de colher deve iniciar novamente o movimento, pode ser uma metáfora para ilustrar a dinâmica de uma educação para a liberdade e a autonomia.

A educação nesta perspectiva não se dá de forma isolada, ou por etapas, mas ocorre de forma concomitante onde, apesar de se parecerem, como etapas isoladas, cada uma deve ser vista com uma especificidade que se reveste de conhecimento próprio do plantio e da produção e todo este fazer está guardado ou animado sob o mesmo ideal que é o de promover fartura e bem estar. Assim podemos dizer que de forma concomitante temos a disciplinaridade como o ato de fazer o plantio, o cuidado e a colheita; como interdisciplinaridade o conhecimento necessário para promover estas etapas e a transdisciplinaridade se dá na medida em que se faz todo este trabalho em função da colheita e da fartura decorrente e resultante.

O celeiro cheio pode ser inserido nesta perspectiva de trans, inter e disciplinaridade, na medida que ela for de propriedade e uso coletivo para a partilha igualitária. Na educação bancária a acumulação individualista apoiada nos referenciais do indivíduo que detém o poder das “chaves do celeiro” reflete apenas os propósitos e intentos deste poder na forma do conhecimento que considera importante e relevante para ser propagada junto à população se assemelhando ao celeiro de um só dono que compra na safra por preço vil e vende quando os grãos estão valorizados, consolidando seu poder na garantia da vida apenas suportável de quem planta e colhe. Esta ação acumulativa individual gera escravidão e dependência e contra essa tirania promovida pela escola

de natureza bancária deve-se estimular educação que priorize a liberdade como compromisso e a autonomia que transcenda o individual e valorize o coletivo e o comunitário planetário.

Uma forma de alcançar este ideal pode ser a educação na perspectiva trans, inter e disciplinar e o foco desta proposta é o estudante e o professor como seres imersos e atuantes numa sociedade dinâmica, acelerada e exigente. Estes sujeitos são constituídos de natureza biológica, psicológica, social, transcendente e unicitária, sendo transcendente pela capacidade entre outras, de registrar fatos passados para planejar seu futuro e pela capacidade de criar regras, com as quais, poderá desenvolver critérios de escolha e condições de julgamento e é unicitário pelo fato de cada pessoa se caracterizar como um ser inacabado, inconcluso e incompleto, sujeito a emoções e sentimentos que fazem dele um ser único, exclusivo e insubstituível.

A perspectiva educacional que se propõem, para lidar com este perfil de pessoas imersas e atuantes em meio cultural competitivo e excludente, tem a finalidade de promover autonomia e liberdade, como forma de viabilizar as mediações necessárias para romper a inércia conteudista e avaliativa, próprias da educação bancária denunciada por Paulo Freire desde a década de 1960.

A dimensão transdisciplinar da educação escolar, é imprescindível nesta proposição de ação que se propõe a transformar as relações interpessoais no contexto da sociedade vigente. Entende-se que ela pode ser viabilizada, na medida em que suas ações se apoiem em Princípios Essenciais de abrangência Eco-Vital. Estes princípios representam os ideais e as utopias ontológicas, necessárias para garantir vida plena e farta em nossa biosfera. A dimensão interdisciplinar da educação escolar se organiza nesta proposta em torno de Referenciais Cognitivos que promovem, na perspectiva epistemológica, aglutinação de saberes, vivências, sentimentos e desejos para a construção de uma disciplinaridade apoiada em Temas Relevantes levantados junto aos integrantes da dinâmica educativa e que sejam representativos dos desejos e esperanças da comunidade local e planetária.

Esta proposta para o ensino escolar, pretende animar os educadores para a organização de formação educacional capaz de proporcionar aos estudantes uma perspectiva que os torne capazes de perceber e considerar a vida em sua perspectiva auto-eco-desorganizativa e que os anime a considerar a planetaridade como compromisso maior com a vida. Neste sentido, a forma mais abrangente da educação está contemplada pela dimensão transdisciplinar que se ocupa com a perspectiva ético-planetária e com a perspectiva de valorização da vida e a forma menos abrangente se apresenta como temas relevantes que se caracterizam como discussões cognitivas, epistemológicas e metodológicas dos conteúdos e conhecimentos a serem abordados. Apesar desta aparente hierarquização, nesta proposta, não existe uma ordem de grandeza ou de prioridade, pelo fato de que todos estes referenciais se entrelaçam na construção de um tecido multidimensional que se apresenta como a vida.

A trans e a interdisciplinaridade incorporam a perspectiva auto-eco-desorganizativa das relações que ocorrem em nosso planeta, como dinâmica organizativa e desorganizativa dos saberes e das formas como as pessoas interagem com o meio social, político e geográfico no qual atuam, considerando a diversidade e a complexidade dos sujeitos que interagem entre si e com o meio.

A condição de respeitar e valorizar os não iguais, se constitui em ponto relevante de ação, que valoriza a proposta educativa de natureza dialógica de Paulo Freire. Nela, os diferentes e as diferenças não podem e não devem ser eliminados nem superados, mas devem ser respeitados e valorizados para participar da promoção e ampliação do auto-conhecimento e da superação de dificuldades, que antes de serem atribuídas ao outro, devem ser analisadas na perspectiva do próprio agente. Esta posição fundamenta a autonomia e a criticidade, na perspectiva de uma sociedade, onde a exclusão e a miséria sejam execradas.

A educação, assim, passa a se caracterizar como ação coletiva que rompe os limites da territorialidade e consolida ações que podem promover a interação e a valorização de cada um, de acordo com o potencial de cada pessoa e de cada agente ambiental. Este conjunto potencial pode promover a emancipação ou a degradação da vida, na perspectiva da biosfera terrestre. Este movimento é caracterizado neste texto, para fins de estudo, como planetaridade.

A planetaridade então, se configura como um seguimento educacional e cognitivo que vai além da vida de cada pessoa. Vai além da globalização econômica e da mundialização e de certa forma tem um alcance mais abrangente que a ética, em função de sua contemporaneidade. A planetaridade analisa a ocupação planetária pelos humanos, com visão e postura que valoriza o cosmo como um todo que interage de forma ininterrupta. Esta análise se caracteriza como investigação da vida e das relações dos humanos entre si e com todos os componentes ambientais, como um processo permanentemente inacabado e inconcluso. A planetaridade como agente transdisciplinar considera a vida numa perspectiva de natureza quântica, complexa, caótica, relativa e casual onde todas as partes se alteram concomitantemente a todo o tempo, rompendo a visão de equilíbrio e de harmonia inexistente neste todo dinâmico que se auto-eco-desorganiza permanentemente.

Conforme Capra, Prigogine, Varela e Morin, a vida e todas as relações químicas e físicas que atuam na constituição e consolidação dinâmica de nosso planeta e de tudo que existe no Cosmo, se constituem como processo auto-organizativo. Neste texto, amplia-se esta argumentação apresentando esta dinâmica na perspectiva da desorganização e não da organização.

Apóia-se esta posição, na reflexão de que é impossível que alguma estrutura planetária alcance uma organização final e definitiva, pelo fato de que elas se encontram em permanente

estado de mudança e, portanto, de desorganização, sendo por isso mais adequado que se utilize a expressão auto-eco-desorganização.

A educação neste contexto tem perspectiva histórica e política que se viabiliza por meio da linguagem, que é uma atribuição humana a partir da qual, se promove a interação determinada pelos poderes e pela historicidade, valorizando e dependendo de referenciais como a espacialidade, a temporalidade, a afetividade e a sociabilidade com as quais, se consolida a dinâmica da vida, na perspectiva da complexidade planetária.

As linguagens desta forma se constroem e se reconstroem a partir do capital cultural e do capital simbólico próprio do grupo cultural, com o qual interagem as pessoas e suas instituições e do conjunto de experiências vividas na singularidade relacional em que se constitui o universo de relações em que se dá a vida. As linguagens transcendem a mera emissão de sons, e pode ser vista como a codificação e decodificação de mensagens emitidas pelos mais diferentes agentes e de diferentes formas.

Esta perspectiva da linguagem como agente de ação política, se alicerça na possibilidade de uma natureza educativa que se apóia na consciência, na discussão e nos compromissos estabelecidos com as relações de poder, que cada pessoa sofre e que cada pessoa exerce, como relações mediadas ao nível individual e coletivo. Ignorar esta perspectiva, pode ser uma postura que alimenta uma ingenuidade que mais se assemelha com processo de alienação e de inconseqüência social do que de ignorância ou desconhecimento. A criticidade nesta perspectiva de educação que rompe com a tradicional dimensão biologisante e psicologisante se caracteriza como ação de mudança que pode ser vista como ativismo transformador ou como ação consciente e consistente de mudança.

Estes desafios colocam os ambientes escolares diante da necessidade de desenvolver uma mentalidade que apóie uma cultura plural e dinâmica que possa dar conta deste ambiente dinâmico e complexo que se configura a um movimento em espiral, que em função de sua dinamicidade, se parece com um “caleidoscópio quântico”².

Voltado para esta configuração dinâmica que supera as possibilidades e propostas educativas convencionais, foram múltiplas as voltas completadas em avanços e recuos, em função da pluralidade e diversidade de pessoas, de desafios e de situações que constituem o universo educacional. A metáfora de uma espiral quântica e caleidoscópica, é uma representação do movimento que a educação consegue promover, de tal forma, que as pessoas que nele estão inseridas sempre saem modificadas e sempre modificam seu entorno. Esta metáfora também

² Expressão utilizada na tese de doutoramento em educação do autor deste texto, desenvolvida na Universidade Metodista de Piracicaba, UNIMEP, em 1997.

representa a educação na medida em que ninguém consegue listar todos os aspectos de abrangência e de repercussão de uma atividade educativa, a qual transcende em muito os programas, os conteúdos e as intenções e desejos das pessoas envolvidas.

Esta proposta se transformou em ação concreta na Universidade São Francisco, em Bragança Paulista, São Paulo, Brasil, onde foi desenvolvido um programa de educação superior baseado em problemas, com a finalidade de promover uma educação para os cursos superiores com abrangência epistemológica e ontológica para fundamentar a perspectiva tradicional de profissionalização superior.

A abrangência cognitiva, epistemológica e ontológica desta proposta, faz com que ela se apresente como uma dinâmica Trans, Inter e Disciplinar, pelo fato dela se apresentar como um complexo educativo dinâmico, que antes de facilitar o processo educativo, o complexifica, na medida em que as atividades educativas se apresentam a todo o tempo, como desafios e não como rotina a ser cumprida de forma convencional e tradicional.

Entende-se que o docente ao implementar esta metodologia, está optando por ampliar e aprimorar o planejamento de suas atividades de docência, de tal forma que diferentes disciplinas se incorporem às mudanças e formas de condução da docência proposta pelo grupo de docentes e estudantes.

A dinâmica educativa proposta até aqui, dispensa um ritual metodológico formal que possa estruturar as ações esperadas para gerar a aprendizagem desejada, mas considerando a necessidade de promover um movimento similar a um ritual de passagem de tradição docente em que um ensina e outro aprende, em que um é o detentor do saber que deve ser passado para que o outro, a-luno (a lumen)³, fique iluminado e possa desempenhar o papel que a sociedade traçou e espera dele.

Como propõe Paulo Freire, o professor se caracteriza como um dodiscente e o estudante como um didoscente, de tal forma que professores e estudantes estejam a todo tempo ensinando e aprendendo.

Com estas considerações se esclarece que o planejamento pedagógico-didático de natureza trans, inter e disciplinar, não exclui a disciplinaridade, mas promove sua interação a partir do estabelecimento de: PRINCÍPIOS ESSENCIAIS que se voltam ao SER como humano crítico que constrói sua liberdade e sua autonomia numa perspectiva que se apresenta como ação radical⁴ frente à vida e suas circunstâncias de natureza dinâmica e mutável. Estes princípios têm abrangência ontológica e filosófica devendo se caracterizar como compromissos amplos e

³ Aluno significa sem lumen, isto é, sem luz. Cabendo ao professor, na perspectiva tradicional, iluminar a vida deste ser, com seus saberes.

⁴ De *radix* que se refere à raiz e não ao confronto

possibilidades abrangentes que transcendam o individual e o local; de REFERENCIAIS COGNITIVOS que se configuram com o CONHECER visto na perspectiva da decodificação e problematização dos agentes e meios que constituem os ambientes e as relações numa perspectiva de planetaridade. Os referenciais cognitivos se caracterizam pela abrangência epistemológica, devendo se caracterizar como agentes agregadores de conhecimentos, cabendo a eles, irradiar diferentes abordagens possíveis a um determinado referencial que tenha múltiplas possibilidades de abordagem e em TEMAS RELEVANTES que se configuram como o SABER que contextualiza e valoriza as vivências e os conhecimentos e hábitos que permeiam cada integrante do grupo. Os temas relevantes, de certa forma, correspondem aos conteúdos desenvolvidos em cada disciplina, mas se caracterizam pela origem de sua escolha, pois deve estar sintonizado e contextualizado com o meio no qual a comunidade educativa estiver inserida.

Estes três referenciais: Princípios Essenciais, Referenciais Cognitivos e Temas Relevantes, na medida em que atuam como balizadores do processo educativo se caracterizam como agentes transdisciplinares, interdisciplinares e disciplinares que se valorizam respectivamente, integrando o Ser, o Conhecer e o Saber, para a construção de uma humanidade com mais liberdade, melhor partilha e mais integridade da vida.

Os princípios essenciais, em função do entendimento de que a vida é o bem maior a ser estimulado e preservado, incorpora a nosso ver, aspectos considerados como indispensáveis para uma educação que se proponha libertadora e emancipadora da autonomia humana. Trata-se de Princípios Essenciais de NATUREZA ECO-VITAIS.

Os princípios essenciais e em particular os de natureza eco-vitais, nesta proposta, interagem com os referenciais cognitivos na medida em que se caracterizam como balizadores das atividades educativas. Esta interação assume o papel de parametrizador das atividades e das motivações que permeiam a ação educativa. Assim, não se pode pensar em um planejamento trans e inter disciplinar, que se afaste da realidade, do meio e das circunstâncias que constituem o mundo no qual as pessoas envolvidas estiverem imersas.

Esta interação, no dizer de Pierre Bourdieu, ressalta a importância do habitus, do campo, do capital cultural e do capital de relações, de cada um dos envolvidos na dinâmica educativa, sejam docentes, estudantes bem como os demais envolvidos. Esta relação das expectativas de cada integrante do processo educativo, com seus diferentes potenciais e capitais, tem como finalidade constituir sujeitos que se apresentem como pessoas diferenciadas, que tragam propostas diferentes para lidar com os problemas crônicos que agem sobre nosso contexto social, urbano e planetário.

Os princípios essenciais e eco-vitais e os referenciais cognitivos também devem ser abrangentes e consistentes na medida em que consideram o sentido necessário para articular as

mediações inerentes ao contexto e ao cotidiano onde atuam os membros do processo educativo. Nestas circunstâncias as mediações devem ser consideradas, como um agente, segundo Lefebvre, que permeia as relações de poder inerentes a todas as atividades humanas, atuando, por exemplo, como eixo de uma gangorra, que possibilita o movimento de forças diferentes, promovendo e viabilizando movimentos de desequilíbrio, equilíbrio e discussão das forças atuantes. Mediar, neste contexto significa contextualizar e problematizar as relações, que envolvem ações entre humanos com seus saberes e as diversas formas de ver e interpretar o mundo, bem como às múltiplas formas de trocas e dependências decorrentes da vida coletiva.

Nesta proposta educativa os planejamentos pedagógico-didáticos, devem contar com uma discussão que possibilite listar os interesses e inquietações que sejam motivadores da dinâmica educativa pretendida. Não cabe ao professor estabelecer o programa do que será desenvolvido na atividade educativa, pelo fato de que esta ação segundo Paulo Freire em toda a sua obra e em particular na dinâmica conhecida como Círculos de Cultura, estabelece que cabe ao grupo determinar as grandes temáticas a serem tratadas, mas cabe ao docente ter de antemão um acervo de informações e conhecimentos que possam atender às necessidades que surgirem na mediação do processo educativo.

Os Círculos de Cultura são utilizados aqui com esta perspectiva, na qual podemos considerar de um lado o discente e de outro o didascente, cada qual com sua massa de informações, conhecimentos e capacidade de ler o mundo no qual está imerso. Paulo Freire ao desenvolver esta dinâmica que não se caracteriza como uma metodologia, nos brindou com uma proposta de trabalho educacional que considera como aspecto mais relevante do processo educativo a inserção e a história de vida dos integrantes do processo e da comunidade.

É assim, um processo educativo que envolve todo o entorno, dele retirando motivação e propostas e nele interferindo com a inserção de pessoas mais integradas e capazes de interferir, de forma consciente e crítica, para a autonomia e a liberdade de todo o conjunto.

Nos círculos de cultura a participação dos estudantes pode ser determinante na condução e no direcionamento das atividades educativas, por isso, a proposta metodológica apresentada a seguir, se caracteriza apenas como um encaminhamento para indicar uma alternativa de educação diferenciada, com a intenção de contribuir para que o docente possa vivenciar outras maneiras de compartilhar a dinâmica educativa com todo o grupo.

Neste sentido, considerando os interesses e motivações destacadas pelo grupo, cabe ao Professor mediar estes interesses contando com os conhecimentos que possui, mas de forma diferente da convencional, pois deverá deixar de fazer a tradicional aula dissertativa e discursiva de seus saberes para um público que os absorve. Na proposta alvo deste texto, a aula conteudista,

conhecida como aula magna, tem o lugar redimensionado conforme as necessidades que forem apontadas durante o processo educativo. É importante esclarecer que esta proposta tem nos conteúdos um importante foco, mas é um foco desviado do foco convencional, pelo fato dos conteúdos serem parte e não fim do processo educativo. Desta forma, a aula magna, deve ocorrer somente depois que os estudantes já tiverem domínio bem significativo do que está em estudo, chegando, inclusive, a formular questões e questionamentos bem contextualizados para interagirem com os conteúdos apresentados pelo docente.

É importante destacar que estes três aspectos constitutivos do planejamento educativo: Princípios Essenciais, Referenciais Cognitivos e Temas Relevantes são construídos a partir da conceituação apresentada a seguir, e que refletem apenas uma posição dentre inúmeras que podem ser desenvolvidas e organizadas conforme os interesses dos agentes integrantes do processo educativo. Estes conceitos são mutáveis e estão descritos apenas como motivação para debate.

Na educação caracterizada como processo trans e interdisciplinar apoiada na perspectiva dos círculos de cultura, os princípios essenciais e os referenciais cognitivos, são estabelecidos como dinâmica norteadora do trabalho do grupo, de acordo com os interesses coletivos e com o programa educativo em questão.

Neste processo, não cabe ao didoscente como nos círculos de cultura, estabelecer o que os didoscentes aprenderão, mas cabe a ele estabelecer linhas e referenciais, afinados com o desejo e a expectativa dos integrantes do grupo, para promover um processo pedagógico-didático, que tenha significado de mudança nas realidades de vida dos integrantes do grupo educativo. Não cabe ao didoscente “professorar” longamente, dando aulas, ou apenas transmitir e “passar” conteúdos, mas cabe aos didoscentes ter claro, como os princípios essenciais e os referenciais cognitivos se encaixarão no contexto da vida, considerando cada um o seu cotidiano e o seu contexto particular, com os quais se consolida e se constitui o contexto coletivo no qual cada um vive e interage.

O ato de ensinar e de aprender neste contexto educativo, se dilui ao se considerar as responsabilidades históricas deste processo e se consolida como uma parceria que tem nos princípios essenciais o agente norteador ao nível da ética e do compromisso com a qualidade planetária para uma vida plena e farta; que tem nos referenciais cognitivos uma síntese dos conteúdos a serem tratados, de tal forma que sejam eleitos aspectos sintéticos dos conteúdos, sob os quais se abrigarão diversos saberes e interpretações cognitivas interdisciplinares e que tem em temas relevantes os agentes articuladores do processo educativo, os quais venham a atuar como agentes que contribuirão para dar significado aos conteúdos que se caracterizarem como interesse e como necessidade do grupo para viabilizar a construção e a ressignificação dos conhecimentos tratados.

A interdisciplinaridade não é, então, a costura apressada ou sofisticada entre diferentes saberes ou diferentes componentes curriculares, mas é a possibilidade dos estudantes se envolverem com mesmos temas, mas que são abordados sob diferentes enfoques e circunstâncias cognitivas.

Não se trata porém, de o professor se descomprometer da função de ensino, mas se trata de dar ao ensino, uma nova característica, onde o discente se apresenta como alguém que, de certa forma, conduz o processo e nele está inserido, assim como alguém que também aprende.

Diante destas perspectivas, esta proposta pode ser vista como uma dinâmica geradora de transformação cultural que passa pela ampliação, do espectro de alcance da educação, no sentido de valorizar, cada vez mais, o desenvolvimento da consciência das pessoas envolvidas de estarem inseridas de forma a sofrer e a promover ações no meio onde estiverem imersas e onde forem atuantes. Apesar de todas as possibilidades de geração de liberdade e autonomia desta proposta, que se apresenta como uma extensão da proposta freiriana dos Círculos de Cultura, é importante destacar que a educação sozinha não promove mudança alguma e para que algo fique diferente, a consciência das pessoas envolvidas não pode se apresentar de forma ingênua ou como algo meramente operativo, nem pode se apresentar como uma simples representação dos poderes nos quais a pessoa está inserida. Esta consciência precisa se apresentar na perspectiva crítica que fundamenta compromissos relevantes e significativos.

A consciência crítica diferentemente da consciência ingênua, se apóia em determinações e convicções geradoras de ações, que podem seguir o rumo da decisão tomada pelo gerente da ação. Desta forma a consciência crítica implica na leitura de mundo e na decisão do que o grupo quer fazer neste mundo e com o mundo. A consciência crítica não é sinônimo de solidariedade, fraternidade e bondade, mas como toda ação humana, ela pode seguir o rumo que lhe for implementada e desta forma pode se apresentar como geradora ou como eliminadora de miséria e exclusões.

A esperança de que a educação se posicione como uma forma de conduzir a humanidade para um contexto de maior partilha e dignidade de vida, se apóia em Princípios essenciais que priorizem, por exemplo, procedimentos participativos que perpassem os planejamentos educacionais numa perspectiva transdisciplinar que podem se configurar como a possibilidade de que através da educação se constitua comunidade de estudo, pesquisa e debate capaz de:

- enfatizar o humano como sujeito inserido na vida planetária.
- considerar a unicidade das pessoas como algo que valoriza a vida pela dignidade.
- ter a vida como processo organizativo inacabado e inconcluso.
- pensar e decodificar a realidade planetária na perspectiva social, ambiental e histórica.
- refletir sobre a natureza de autonomia intelectual comprometida com a vida.

- sensibilizar-se a favor de ações que reduzam a miséria e as exclusões.
- viabilizar consciência de cada pessoa do poder que sofre e do poder que exerce.
- refletir o humano na perspectiva, biológica, social, psicológica, transcendente e unicitária.

Além destes Princípios Essenciais que caracterizam uma comunidade de estudo e pesquisa, este texto ainda traz como base e matriz de uma educação transdisciplinar que se coadune com a Eco-Pedagogia, o que se convencionou como Princípios Eco-Vitais que se apresentam como a decisão e o engajamento das pessoas, enquanto sujeitos coletivos, a se engajarem na organização de programa educativo que priorize a dignidade:

- nos alimentos que possibilitem prazer e integridade biológica dos habitantes da biosfera.
- nos abrigos que atendam às necessidades bio-psico-socio-transcendentes e unicitários dos humanos conforme a região que ocupam;
- na ocupação com fazer que valoriza o potencial de cada humano e respeita as necessidades para manter elevado o amor próprio e a auto-estima das pessoas.
- na produção de bens que preservem a qualidade dos ambientes terrestres algumas gerações depois de sua produção, para garantir qualidade futura dos mananciais, dos solos e da atmosfera e que sejam objeto de partilha para o deleite fraterno.
- no afeto como condição imprescindível para que a auto-estima dos humanos se mantenha elevada e se preserve o equilíbrio mental e emocional necessários para lidar com a dinâmica organizativa da sociedade.

O estabelecimento dos referenciais cognitivos, da mesma forma se configuram, como um desafio para os profissionais que desenvolvam esta modalidade de organização educativa, pois devem lidar com a objetividade dos conteúdos e a subjetividade dos princípios essenciais e eco-vitais. Este desafio se apresenta como algo que provoca os educadores e a comunidade a romper com a visão pragmática e objetiva dos conteúdos, pelo fato, entre outros, dele se apoiar nos aspectos e temas de conteúdo que os professores considerarem importantes e adequados para o trabalho que estiverem dispostos a promover. É importante ressaltar que Nada é definitivo ou conclusivo e todo planejamento deve se configurar, mais como um roteiro, provisório e minimamente possível e viável de avanço em um terreno desconhecido, podendo no decorrer do processo ser ajustado conforme a necessidade e solicitação e decisão do coletivo envolvido.

ETICA, PLANETARIDADE E ECOPEDAGOGIA

Esta proposta de educação se apóia nos resultados observados em pesquisas participantes realizadas em diferentes níveis de ensino, os quais fundamentam e apóiam a divulgação desta proposta de ação educativa.

Com este suporte experimental e partindo das múltiplas relações entre diferentes níveis e aspectos de conhecimento, devemos considerar os poderes que perpassam toda atividade educativa e neste sentido, destacamos que as relações de poder inerentes a todas as ações humanas, podem ser

classificadas como morais quando elas se apresentarem como ações radicalmente a favor da sociedade e de seus referenciais e princípios e podem ser classificadas como éticas quando as ações humanas se apresentarem como ações radicalmente a favor da vida. Nesta perspectiva de caracterização das ações humanas, deve-se considerar que a moral compartimenta o mundo em tantas partes quantas forem as ideologias e os sistemas de poder que o perpassam e deve-se considerar que também a ética, compartimenta o mundo em tantas partes quantos forem as formas de radicalização a favor da vida.

Esta breve conceituação mostra que tanto a moral quanto a ética não conseguem trazer unanimidade conceitual para nortear as ações dos humanos a fim de garantir que a vida em nosso planeta seja mantida com a qualidade necessitada pelos viventes que a ocupam e com o respeito à dinâmica reativa e organizativa do planeta, para que ele consiga manter-se com as características químico-físicas necessárias para que a vida seja possível.

Para cobrir este vácuo conceitual é que se organizam movimentos e posturas ambientalistas. Desta forma, cabe destaque para os princípios eco-vitais e para os princípios essenciais destacados anteriormente.

Neste sentido este texto se apresenta como um espaço para fortalecer a proposta de Ecopedagogia e de Educação para a Planetaridade como forma de viabilizar a consciência, a discussão e o compromisso pela via educativa, com as questões ligadas à qualidade da vida em nosso planeta. Com estas propostas entendemos que a perspectiva de planetaridade deva ser teorizada e fundamentada de tal forma que transcenda tanto a moral quanto a ética e passe a ser vista como a expressão representativa da vida futura no planeta. A perspectiva planetária da educação deve ser claramente voltada para a reflexão sobre a forma como a educação anima e fortalece os meios de produção e distribuição de bens e recursos em nosso planeta, desta forma, ecologia e educação ambiental devem deixar de ser simplesmente o estudo das relações dos indivíduos entre si, mas deve ser um estudo que transcenda esta definição tradicional para discutir as formas como os meios de produção e em especial o mercado, interferem na dinâmica organizativa e desorganizativa do planeta.

Ecologia a nosso ver, deve ter como foco as questões já tradicionalmente estudadas como as relações entre os indivíduos e o meio ambiente, devendo incluir nova perspectiva de estudo que é a discussão referente à natureza da intervenção dos seres humanos com seus modos de produção, na dinâmica ambiental do planeta. Nesta mesma perspectiva a Educação Ambiental deverá também se assumir como uma disciplina ou um referencial interdisciplinar que tenha na filosofia, sociologia e ontologia seus suportes teóricos para dar conta dos problemas gerados pelo mercado, pela produção

em massa, pelas guerras e pelas pesquisas transgênicas entre tantos outros como a perspectiva da história, da política, da ética e da cultura.

Paralelo a esta complexa visão do todo planetário a Educação Ambiental e a Ecologia de forma específica e a Educação para a Planetaridade e a Ecopedagogia devem se voltar para outro aspecto importante que nos é acenado pela física, na busca de sentido para todos os nossos fazeres. Trata-se da percepção planetária dos ambientes com enfoque orientado teorias dos quanta, da complexidade, da relatividade, do caos e do acaso como fonte de subsídios para compreender a estrutura e a dinâmica organizativa de todo o conjunto conhecido como planeta Terra. Esta percepção deve estar acoplada à visão de que todos os viventes dependem, para continuarem a ostentar a dimensão de vivo, de consciência e conhecimentos que proporcionem percepção que vá além da mercadológica e da materialidade objetiva proposta pela vida de produção e consumo a que somos estimulados a todo o tempo.

Com estas posições entendo que a educação com perspectivas de inserção dos humanos em toda a dinâmica organizativa do planeta deverá estar vinculado a uma perspectiva diferenciada e dialógica, na perspectiva de valorizar e estimular os diferentes e as diferenças para que a vida coletiva e as particularidades de cada pessoa sejam consideradas como imprescindíveis para a que a dinâmica planetária seja cada vez mais inclusiva para a redução da miséria e das exclusões. Neste sentido consideramos que a educação escolar além de se caracterizar como dinâmica Trans, Inter e Disciplinar e de valorizar os diferentes e as diferenças, deverá se voltar para considerar fundamentais e essenciais:

- a delicadeza com que as interações ocorrem em todos os níveis de relações que constituem a vida na sociedade e nos diferentes ambientes que formam nossa biosfera;
- a sensibilidade para perceber estas interações e para descobrir de que forma se pode participar destas interações;
- a admiração decorrente de nossa participação e nas interações com as diversidades;
- o respeito mútuo devido a todos com os quais compartilhamos lugar e tempo nesta nave que é nosso planeta.
- as afinidades para as somas e as interações e não as diferenças que diminuem e dividem.

Delicadeza, sensibilidade, admiração, respeito mútuo e sintonia com as afinidades antes de serem referenciais de conformismo ou de alienação são referências de sintonia para o olhar crítico que gera vida e engajamento ético e planetário que percebe e considera a vida como algo sutil que corre riscos e que está sendo ameaçado pela brutalidade, insensibilidade, falta de admiração, desrespeito e eliminação/descaso de diferenças próprias de uma sociedade que se pauta na competição e na exclusão.

“Aquele que não sabe qualquer um engana,
aquele que não tem, qualquer um compra”.

Simon Rodrigues - 1826

Referências Bibliográficas

- ASSMANN, Hugo. *Metáforas para reencantar a educação*. Piracicaba SP: Ed. UNIMEP, 1998.
- AHLERT, Alvor. *A eticidade da educação*. Ijuí RS: Ed. IJUÍ, 1999.
- BOFF, Leonardo. *Tempo de transcendência*. São Paulo: Sextante, 2000.
- BOFF, Leonardo. *Ecologia, Mundialização, Espiritualidade*. São Paulo: Ática, 2000.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A educação popular na escola cidadã*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BRUCKNER, Pascal. Filhos e vítimas: o tempo da inocência. In: MORIN. E.; PRIGOGINE, I. *A sociedade em busca de valores – para fugir à alternativa entre o ceticismo e o dogmatismo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998, p.51-62.
- CALASSO, Roberto. *Ka*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- CARVALHO, Edgard de Assis (org.) *Ética, solidariedade e complexidade*. São Paulo: Palas Athena, 1998.
- CORTESÃO, Luiza. *Ser Professor: Um ofício em risco de extinção*. São Paulo: Cortez, 2002.
- DELORS, Jacques. *Educação, um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez, 2001.
- DIEGUES, Antônio C. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: USP/Nupaub, 1994.
- FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogias do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Terra*. São Paulo: Cortez, 2002.
- GLEISER, Ilan. *Caos e Complexidade*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- GUTIERREZ, Francisco. *Ecopedagogia e a cidadania planetária*. São Paulo: Cortez 2002.
- KEIM, Ernesto Jacob. *Complexidade e prática educacional – O pensamento sistêmico, o conhecimento e a vida*. In *Contexto e Educação*, Editora UNIJUÍ, ano 16, n. 64, p.37 – 59, out./dez. 2001.
- LEFF, Enrique. *Ecologia, capital e cultura*. Blumenau: FURB, 2000.
- MAROTI, Paulo S. *Educação e percepção ambiental das comunidades do entorno de uma unidade de conservação*. São Carlos: 2002. 218f. Tese (Doutorado em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais, Universidade Federal de São Carlos.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação*. São Paulo: Cortez, 2000.
- PERISSÉ, Gabriel. *O Professor do Futuro*. São Paulo: Editora Thex, 2002.
- PRIGOGINE, Ilya. *O fim das certezas – tempo, caos e as leis da natureza*. São Paulo: UNESP, 1996.
- SATO, Michèle; SANTOS, José E. *Agenda 21 em sinopse*. São Carlos: Rima, 1999.
- STRECK, Danilo R. (org.). *Paulo Freire: ética, utopia e educação*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- SUNG, Jung Mo. *Deus numa economia sem coração. Pobreza e neoliberalismo: Um desafio à Evangelização*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- SUNG, Jung Mo. *Deus: Ilusão ou Realidade?* São Paulo: Ática, 1996.
- .